

MUSEU BRASILEIRO DA ESCULTURA – MuBE – ANÁLISE FORMAL E FUNCIONAL DO ESPAÇO CRIADO

BRAZILIAN MUSEUM SCULPTURE - MuBE - FORMAL ANALYSIS AND FUNCTIONAL SPACE CREATED

¹TINELLI, N. R.; ²GIELFE, S. E.

^{1e2}Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O presente resumo vem levantar uma breve história do MuBE, Museu Brasileiro da Escultura, do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Uma obra modernista, que possui um extenso jardim ao ar livre, projetado por Burle Marx, onde se instala o museu de escultura e uma pinacoteca. Seu grande pórtico em vão livre e concreto aparente abriga uma praça seca e o acesso ao interior, onde se instala um teatro no subsolo. O museu também é alvo de críticas, pela falta de acervo e área para estudos, que contradiz a proposta e seu uso.

Palavras-chave: Museu. Modernista. Concreto. Paulo Mendes da Rocha. Escultura.

ABSTRACT

This summary comes up a little of the history of MuBE, Brazilian Sculpture Museum, architect Paulo Mendes da Rocha. A modernist work, which has an extensive outdoor garden, designed by Burle Marx, where you install the sculpture museum and an art gallery. His great portico span and exposed concrete houses a dry square and access to the interior, where it installs a theater underground. The museum is also criticized for the lack of collection and area studies, which contradicts the proposal and its use.

Keywords: Museum. Modernist. Concrete. Paulo Mendes da Rocha. Sculpture.

INTRODUÇÃO

O Mube, Museu Brasileiro da Escultura, foi projetado por um dos maiores arquitetos modernista brasileiro, Paulo Mendes da Rocha, vencedor do Prêmio Pritzker em 2006 e do Leão de Ouro 15º Bienal de Arquitetura de Veneza de 2016. A arquitetura do projeto de Paulo Mendes da Rocha representa a continuidade do estilo adotado pelos arquitetos no início do século XX, em que o modernismo foi genuinamente reconhecido pelos brasileiros. Realizada em 1986-8, a obra não só representa o modernismo brasileiro, como o internacional, e especialmente o paulistano.

A proposta do projeto do museu veio com um protesto em São Paulo, pois havia a intenção de instalar um shopping no Jardim Europa, o que afetaria a tranquilidade e sofisticação do entorno. Então a Sociedade de Amigos dos Museus – SAM fez com que a área de 7.000m², localizada ao lado do Museu da Imagem e do Som – MIS, se tornasse um empreendimento público.

O MuBE é uma obra significativa para Paulo Mendes da Rocha , que é conhecido por propor soluções criativas e inserir a paisagem. Mas para os críticos de arquitetura, há uma ausência de projeto museológico, faltam acervos, e uma instalação para atividades de pesquisa, educativas, montagem e reparo de obras de exposições. Um artigo da Revista Projeto-Design de janeiro de 2001 referiu-se a obra como: “o problema do MuBE é a contradição entre sua proposta e seu uso efetivo: criado sem nenhum acervo, o espaço contou com alguns curadores. Atualmente, porém, não passa de salão de festas”.

Em 1990, Mendes da Rocha foi convidado para projetar um anexo para o museu, para isso, teria que pavimentar novos caminhos e encontrar uma forma de instalá-lo sem mudar suas fortes definições. Ele implanta um volume de forma quadrada e de três pavimentos, no canto, junto com o último módulo do subsolo, sem uso de pilotis e ancorado no chão. A proposta do novo bloco não possui janelas, é apenas para ser observado de fora, como uma pedra no chão. Porém o projeto do anexo ficou apenas no papel.

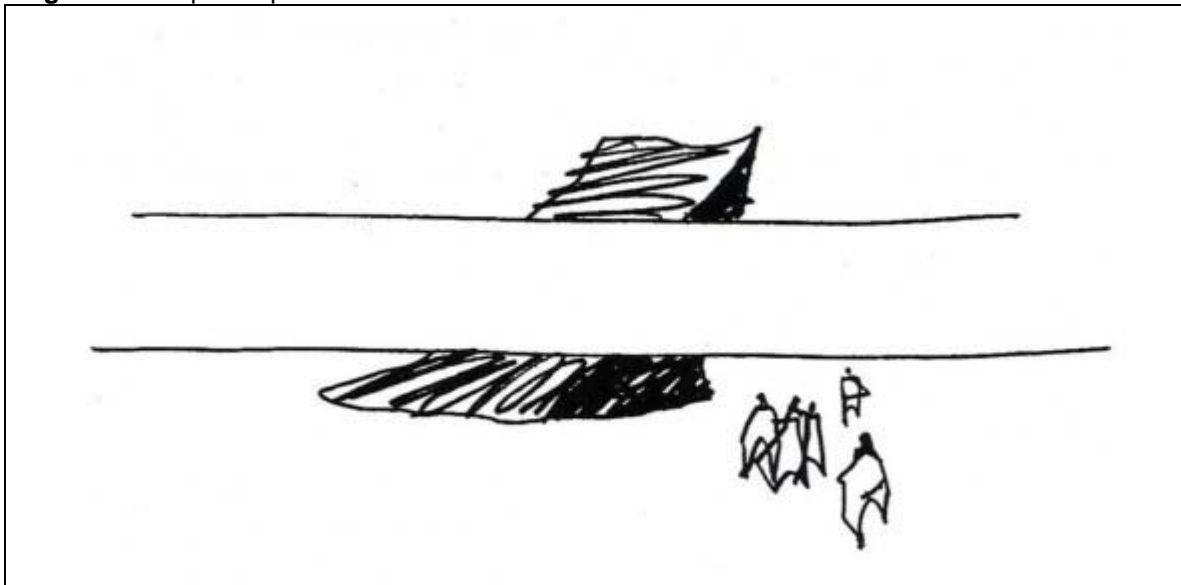
MATERIAL E MÉTODOS

Para a pesquisa sobre o MuBE, Museu Brasileiro da Escultura, foram consultados sites de peso para a arquitetura, que oferecem informações precisas e verdadeiras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos primeiros croquis apresentados por Mendes da Rocha é de uma pedra escura encravada no chão, atrás de uma laje, que deixa a pedra em outro plano, e figuras humanas reduzidas caminhando sob a laje. Esta pedra se tornou um marco, que gerou várias hipóteses sobre seu significado, ela é conhecida como “pedra fundamental” ou “pedra angular”.

Figura 1. Croqui da “pedra fundamental”.



Fonte: disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4042>>. Acesso em 03 setembro 2016.

Então, dando continuidade ao estilo arquitetônico, os primeiros desenhos do arquiteto para o museu revelam o uso do plano horizontal, como um volume pousando sobre o solo em que o terreno o recebe tendo sua própria movimentação. A intenção do projeto é dar clareza aos seus elementos e lógica em suas formas. Uma das características do arquiteto é a introdução da edificação na paisagem de forma provocativa. Outra é como ele trabalha a estrutura e a forma, o que resulta na forma arquitetônica.

Para Mendes da Rocha, a gravidade tem que ser compreendida e manifestada. Em suas obras ele não revela o suporte das estruturas, recuado nas sombras das lajes em duplo balanço ou fazendo com que as paredes estruturais desçam até o solo, mas sempre trabalhando com a leveza, para que se possa observar um volume flutuando no ar.

Essa configuração está presente no Museu, onde se tem um vão livre de sessenta metros, um grande pórtico em concreto aparente, uma barra sobre dois apoios independentes. O volume inferior não trabalha somente como uma base, tendo sua geografia própria, com o objetivo de receber o volume superior, que pousa sobre o terreno. O que resulta em uma sombra sobre a praça, plano como elemento funcional e expressivo.

Figura 2. Museu Brasileiro da Escultura (MuBE).



Fonte: disponível em: <<http://mube.art.br/o-museu/arquitetura/>>. Acesso em 03 setembro 2016

O pórtico do MUBE é visto como uma memória das instalações humanas, uma grande laje, sombra, abrigo, uma passagem que induz o percurso entre as duas ruas que ao mesmo tempo resguarda o acesso ao seu interior.

A solução de implantação para Paulo Mendes da Rocha é absorver o entorno, trabalhar com os elementos urbanos. Na implantação do museu, o arquiteto organizou a paisagem em diferentes níveis, seguindo o desenho do terreno, sem alterações.

Com o terreno localizado entre duas ruas de níveis diferentes, Avenida Europa e Rua Alemanha. O museu tem instalações um pouco abaixo do nível da rua, a praça seca e o teatro ao ar livre, no subsolo, onde fica outro teatro, e a praça ao ar livre, vista como um grande jardim, onde esta instalada a pinacoteca, e o museu de esculturas. Rampas para passagens foram colocadas para que se tornassem pontos de apreciação. Um grande espelho d'água invade a área de entrada, que delimita a área administrativa.

CONCLUSÕES

Um projeto com implantação genérica negada, a arquitetura do MuBE, torna-se única; o uso de linhas retas e concreto aparente traz o que os arquitetos do século XX começaram, e Paulo Mendes da Rocha trouxe para sua vida atualizando o repertório. Totalmente modernista, a obra desafia a gravidade,

trabalha as sombras e esconde suas soluções estruturais. Apesar da crítica, que cita uma deficiência nos espaços de exposição e falta de acervos, o edifício não deixa de destacar, por sua arquitetura e seus jardins projetados por Burle Marx. Mesmo com as deficiências levantadas pelos arquitetos, o museu abriga várias exposições, teatros e música durante o ano, desde sua inauguração, o que mostra ainda sim funcionalidade no projeto, muito visitado por suas atrações e contemplação da arquitetura.

REFERÊNCIAS

VITRUVIUS. **Arquitextos**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4042>>. Acesso em 03 setembro 2016.

VITRUVIUS. **Arquitextos**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.122/3472>>. Acesso em 03 setembro 2016